

FOTOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO:

ANÁLISE DA COBERTURA FOTOGRÁFICA DA MÍDIA NINJA SOBRE OS PROTESTOS DE JUNHO DE 2013

Roberta Cristiane de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho tem como tema principal a discussão acerca do panorama do fotojornalismo contemporâneo. Devido à democratização das câmeras fotográficas e dos dispositivos móveis de comunicação com acesso à internet, o fotojornalismo tem sido influenciado por esta nova realidade, criando novas possibilidades de intervenção. Para tal análise foi escolhida a cobertura fotográfica do coletivo Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013, por apresentarem características inerentes a este novo contexto tecnológico e por sua relevância fotojornalística durante o período em questão.

Palavras-chave: Fotografia; Jornalismo; Dispositivos móveis; Redes sociais.

INTRODUÇÃO

Os protestos de junho de 2013 ocuparam as ruas do país alimentados pelos gritos de milhares de pessoas que exigiam mudanças nos cenários político e social brasileiros. Durante esses dias, os meios de comunicação noticiaram a evolução dessas manifestações, porém, os personagens que realmente se destacaram foram aqueles que, de modo inovador, mostraram o fato que se desenrolava, de forma dinâmica e aproximada. Nesse contexto, entram em foco os coletivos midiáticos alternativos, formados principalmente por "repórteres" amadores, cujo expoente mais relevante durante esse período é a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação).

A Mídia NINJA é um canal alternativo surgido a partir do Coletivo Fora do Eixo, em 2013, e liderado pelo jornalista Bruno Torturra e pelo produtor cultural do coletivo, Pedro Capilé. O trabalho do grupo se fundamenta na ação colaborativa entre os "ninjas" – como se denominam os

integrantes do coletivo - para divulgação de coberturas jornalísticas de mobilizações sociais.

Atualmente, o perfil da Mídia NINJA no Facebook possui 831.412 seguidores². O grupo também gerencia um site, que não existia na época dos protestos de junho 2013. Neste espaço, conteúdos como reportagens, inclusive de cunho investigativo, são priorizados, ao contrário do perfil na rede social que sempre evidenciou o trabalho fotográfico e se limitou à postagem de pequenas linhas de texto.

Munidos de câmeras fotográficas e dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, os integrantes da Mídia NINJA conseguiram transmitir em tempo real, através da internet, o avanço das multidões durante os protestos de junho de 2013 e capturaram em suas fotografias momentos que foram ignorados até pelas lentes de fotojornalistas profissionais. O coletivo NINJA se transformou em evidência dos tempos de mudanças que pairam sobre o

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora - robertacrol@hotmail.com

² Perfil da Mídia NINJA no Facebook. Disponível em <https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>. Acesso em: 28 mai.2016.

(foto) jornalismo, visto que sua cobertura foi acompanhada por milhares de expectadores e mereceu destaque até na mídia internacional.

A tendência da participação de cidadãos comuns na produção de conteúdo fotojornalístico tem se fortalecido devido à evolução e democratização das tecnologias digitais de comunicação e, também, pela ampliação do acesso a ferramentas que antes estavam disponíveis somente aos grandes veículos de informação. Esse panorama evidenciou a necessidade de discutir quais seriam as consequências sobre o fotojornalismo tal como o conhecemos. Desta forma, a cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de Junho de 2013 serviu como objeto de análise deste novo contexto que perpassa as estruturas do fotojornalismo convencional.

MATERIAL E MÉTODOS

O mês de junho de 2013 foi escolhido como recorte para esta análise. As fotografias postadas pela Mídia NINJA em seu perfil no Facebook durante este período foram salvas em pastas identificadas por dia e evento. Durante todo o mês de junho de 2013 houve 136 postagens no perfil da Mídia NINJA no Facebook, sendo que nos dias 3 e 10 do mês em questão não ocorreram publicações. Deste total, 17 postagens (13%) foram lincadas com coberturas ao vivo das manifestações através da Pós TV³ usando o *TwitCasting*⁴, voltado especialmente para a transmissões

*streaming*⁵. Ao longo do mês de junho de 2013 foram postadas 656 imagens no perfil da Mídia NINJA.

Tabela 1 – Imagens postadas no perfil da Mídia NINJA durante as três dezenas do mês de junho de 2013.

Dezenas do mês de junho de 2013	Quantidade de imagens postadas
1º a 10 de junho	255
11 a 20 de junho	186
21 a 30 de junho	215

Fonte: tabela desenvolvida pela própria autora.

Para efeito de análise, devido ao grande número de imagens coletadas ao longo do mês de junho de 2013, optou-se por escolher três eventos bastante representativos durante o período em questão. São eles os episódios ocorridos nos dias 17, 26 e 30 de junho de 2013, que se referem à Marcha do Vinagre, em Brasília; o 5º Grande Ato contra o aumento das passagens de transporte público, em Belo Horizonte; e, manifestação contra os gastos com a, então eminente, Copa das Confederações, na cidade do Rio de Janeiro, respectivamente. Uma das fotografias relativas ao protesto na capital mineira ocorrido no dia 26/06/2013 também foi incluída no grupo amostral, apesar de ter sido postada somente no dia seguinte, dia 27 de junho de 2013. Deste modo, a amostra selecionada para análise compreende 54 fotografias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentre as 54 fotografias postadas durante os eventos ocorridos nos dia

3 Pós TV é a mídia digital independente da NINJA e surgiu em 2011. Ela está ancorada no movimento nacional Circuito Fora do Eixo. Durante os protestos de 2013, a audiência da Pós TV alcançou picos de audiência de até 120 mil espectadores. Esse número significa uma marca de 1,2 pontos no Ibope.

4 Canal de transmissão ao vivo via internet (<http://us.twitcasting.tv/>).

5 Streaming (fluxo de mídia) é uma via de distribuição de dados, geralmente multimídia, através da Internet. Pelo streaming, as informações não são armazenadas no próprio computador do usuário, ele recebe o stream e o conteúdo é arquivado temporariamente, somente enquanto ele o visualiza. Deste modo, o conteúdo streaming não ocupa espaço no disco rígido (HD).

17, 26 e 30 de junho de 2013 (Marcha do Vinagre, em Brasília; o 5º Grande Ato contra o aumento das passagens de transporte público, em Belo Horizonte; e, manifestação contra os gastos com a Copa das Confederações, na capital carioca, respectivamente) somente uma delas possuía o crédito de seu autor (Figura 1), representando 1,85% das imagens analisadas. A fotografia em questão é de autoria de um dos ativistas do coletivo Mídia NINJA e foi postada no dia 27 de junho, apesar de testemunhar o protesto do dia anterior. Ela retrata uma multidão de manifestantes próximos e sobre um dos viadutos da capital mineira. Além disso, a imagem também exibe uma enorme fogueira e uma faixa que diz "Unfair Play"⁶.

Este dado é 1% menor do que a proporção encontrada durante todo o mês. Dentre as 656 fotografias postadas entre 01 a 30 de junho de 2013, apenas 19 delas continham os créditos de autoria das imagens, representando 2,89%. Tal circunstância aponta uma tendência que se perpetuou durante todo o mês em questão e não somente nos eventos selecionados para a amostra. Entre estas postagens há imagens de vários outros coletivos que desempenham função semelhante a da Mídia NINJA.

Tabela 2 – Quantidade de imagens postadas durante os dias escolhidos para análise amostral.

Data da postagem	Quantidade de imagens postadas
17 jun. 2013	6
26 jun. 2013	29
27 jun. 2013	1
30 jun. 2013	18

Fonte: tabela desenvolvida pela própria autora.

Quanto à presença de fotografias de outros coletivos na *timeline*⁷ da Mídia NINJA, durante todo o mês de junho foram contabilizadas 8 fotografias. Entre este coletivos estão o Maria Objetiva (facebook.com/MariaObjetiva), Coletivo Sem Fronteiras (facebook.com/ColetivoSemFronteiras), Redes da Maré (facebook.com/redesdamare), Coletivo Ocupa Alemão (facebook.com/OcupaAlemao) e Coletivo Nigéria (facebook.com/coletivoNigeria). Assim como na Mídia NINJA, nem todas as imagens publicadas recebem os nomes de seus criadores.



Figura 1 : Postagem exibe a única fotografia com crédito de autor dentre as imagens da amostra

Em resumo, a maioria esmagadora das imagens é creditada ao coletivo, passando, desta forma, a não pertencerem ao individual, mas ao ideal de coletivismo ensejado por estes grupos. Parte desta concepção advém do conceito de colaboração que permeia a criação destes conjuntos. Isto representa uma verdadeira cisão no ideário que sempre ligou a fotografia ao seu criador, em uma simbiose que, até então, não permitia a entrada de outros sujeitos. Este entendimento é uma herança que se perpetua desde a mais remota experiência de fotografar, a Câmara Escura, onde somente uma pessoa podia operá-la por vez. Contudo, tais informações

7 Linha do tempo que exibe todas as postagens feitas pelo usuário de um perfil no Facebook.

6 Em tradução livre: Jogo Injusto

suscitam alguns questionamentos acerca das consequências que pesam sobre o fotojornalismo tal como o conhecemos:

- a inclinação do fotojornalismo realizado de forma colaborativa, praticado pela Mídia NINJA, em não creditar as imagens ao fotógrafo, seria um retrocesso na questão dos direitos autorais;
- o jornalismo cidadão poderia implicar na precarização do trabalho do fotojornalista profissional;
- os dispositivos móveis, como celulares e *smartphones*, permitiram um novo tipo de cobertura fotojornalística de manifestações populares.

As constatações elencadas acima nos levam a refletir acerca do atual panorama do fotojornalismo e discutir como estas implicações modificaram sua prática e, ainda, conjecturar possíveis desdobramentos futuros, tal como discutiremos a seguir.

No que diz respeito aos direitos autorais há uma longa querela que paira sobre o fotojornalismo. Historicamente, diversas batalhas foram travadas até que os fotógrafos recebessem os créditos de autoria por suas próprias imagens. No século XIX, eles eram obrigados a enfrentar batalhas judiciais para terem assegurados seus direitos de criação, posto que nesta época, a fotografia não era considerada arte, mas sim, uma apropriação da realidade. Décadas mais tarde, em tempos de fotojornalismo já estabelecido como prática profissional, os anseios da consolidação dos direitos autorais sobre a fotografia ficam evidentes quando Mathew Brady, fotógrafo oficial de Lincoln, e um daqueles que cobriram a Guerra de Secessão, é acusado por seus colaboradores de assinar todas as fotografias, omitindo seus verdadeiros autores (SOUSA, 1998).

A posse dos negativos também era uma disputa existente entre os fotojornalistas, pois, geralmente, sua posse pertencia ao contratante. Ícones do fotojornalismo mundial, Robert Capa,

David Seymour, Cartier-Bresson e George Rodger exigiram, em 1947, o direito à propriedade de seus negativos e de assinarem suas próprias obras (SOUSA, 1998).

Se na Europa a Magnum surgiu como um símbolo de reivindicação dos direitos sobre os créditos na fotografia, no Brasil o Prêmio Esso de Reportagem⁸ propiciou uma grande contribuição neste pleito. Na década de 1960, as fotografias contidas nas reportagens não recebiam identificação de autor, ao contrário dos textos das matérias que tinham os créditos do repórter que a redigira.

Atualmente, com a ascensão das tecnologias comunicacionais, principalmente proporcionadas pela Internet, a questão do direito autoral na fotografia vem sendo colocada em xeque. O jornalismo cidadão, ou “em outras palavras a ‘colaboração’ de pessoas comuns na produção de notícias” (SOUZA e BONI, 2007), praticado por coletivos como a Mídia NINJA, fundamenta-se na criação cooperativa dos materiais disponibilizados. No caso da NINJA todo o material produzido pelo grupo está sob a égide da licença Creative Commons, que permite diversos tipos de direitos e restrições. A licença da Mídia NINJA é a CC BY-AS, que permite o compartilhamento e adaptação de todo o material do Coletivo, podendo ser utilizado para qualquer fim, inclusive comercial, contanto que os créditos originais sejam atribuídos e que todas as mudanças realizadas sejam informadas. Este tipo de concessão também requer que, caso o material sofra alguma modificação, ele deve ser similarmente compartilhado sob a mesma licença Creative Commons⁹ do original.

8 O Prêmio Esso de Reportagem foi criado em 1953, durante o governo Getúlio Vargas, e premia jornalistas e veículos de comunicação que mais se destacam durante o ano.

9 *Creative Commons* é uma organização não governamental sem fins lucrativos localizada em Mountain View, na Califórnia, voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento com menos restrições que o tradicional todos direitos reservados.

Em março de 2014, quando foram acusados de censura e de ligações com partidos políticos, a Mídia NINJA se pronunciou através de um comunicado em seu site oficial¹⁰ esclarecendo sua postura acerca dos direitos autorais.

3. Acreditamos no livre fluxo de informações pela rede. Somos defensores do CopyLeft, todo nosso conteúdo é distribuído sob a licença Creative Commons, sem qualquer custo ou exclusividade. Seria impensável, portanto, exigirmos a retirada de algum vídeo do youtube por conta de direitos autorais (SITE DA MÍDIA NINJA, 2016).

O próprio site da Mídia NINJA traz respostas às perguntas que frequentemente são feitas ao grupo e uma delas diz respeito à autoria coletiva. O grupo esclarece que os participantes da NINJA têm liberdade de decidir como apresentar e assinar o seu material, mas explica que a postura do grupo advoga pelo coletivismo, por acreditarem que nenhuma produção de imagem, vídeo ou texto é um processo individual.

Queiroga (2010) argumenta que muitas vezes o crédito coletivo é considerado um retrocesso na conquista histórica alcançada pelos fotojornalistas - quanto à obrigatoriedade de menção ao autor - devido a um despreparo para a prática da autoria coletiva. O autor ainda acrescenta que esta é uma tendência do fotojornalismo contemporâneo que pode se consolidar como uma eventual solução à crise na área. Ele reitera que práticas coletivas de produção fotográfica podem ser uma "estratégia de visibilidade e viabilidade".

Silva Junior e Queiroga (2010) apontam que este é um tema polêmico que vem gerando debates acerca do papel do fotógrafo dentro do processo produtivo do fotojornalismo colaborativo. Segundo os autores, os coletivos fotográficos, exemplo contundente de prática cooperativa, porém realizada por fotógrafos profissionais que se uniram para trabalhar em temas

comuns a todos, seriam uma "crítica direta ao direcionamento que vem sendo dado às coberturas fotográficas pelas agências e veículos de comunicação" e que a nova posição ocupada pelo fotógrafo não implica na renúncia da autoria, mas sim, uma coletivização deste mesmo ato.

Oliveira e Vicentini (2009) defendem que a fotografia vai além das páginas dos jornais e sobrevive ao tempo, à notícia e ao seu autor, transformando-se em patrimônio cultural. Deste modo, devido à sua importância como elemento antropológico que eterniza um momento e serve de referência às gerações futuras, ela deve ser tratada como obra de arte e seus autores merecem ter seus direitos resguardados.

Este tema evoca muitos debates que, por ora, ainda não dão margens a uma definição absoluta das consequências a longo prazo das coberturas fotográficas realizadas por grupos alternativos, como a Mídia NINJA, sobre as questões dos direitos autorais dos fotojornalistas. O que se pode afirmar é que se o direito autoral já estava consolidado no impresso, hoje os avanços tecnológicos digitais de comunicação trazem novas perspectivas de produção noticiosa que incluem o "nós", em detrimento do "eu". Contudo, esta nova realidade não extingue a figura do profissional fotojornalista que ainda repousa sobre uma posição hierarquicamente superior ao amador (CASA DEI, 2014).

No Brasil, a lei nº 9.610 de fevereiro de 1998 regulamenta as questões relacionadas ao direito autoral e institui que a fotografia se configura como obra protegida e que seu autor tem seus direitos assegurados sobre ela.

Além das questões relacionadas aos direitos autorais do fotógrafo sobre suas obras, colocadas em discussão em vista da prática da autoria coletiva, a Mídia NINJA também é um expoente interessante para a análise da ascensão do Jornalismo Cidadão.

10 Mídia Ninja, direitos autorais e a revolta. Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/M%C3%ADdia-Ninja-Direitos-Autorais-E-A-1>. Acesso em: 29 mai.2016.

E é o webjornalismo em franca difusão que favorece a emergência do jornalismo cidadão, ou open source journalism, ou jornalismo de fonte aberta, ou seja, propenso/aberto a quaisquer indivíduos e grupos sociais para que externem opiniões sobre quaisquer temas [...] (TARGINO, 2009).

Neste contexto, o fotojornalismo é também um daqueles que passam por mudanças significativas atualmente. A ascensão de tecnologias digitais de comunicação tem motivado o seu reposicionamento dentro da estrutura histórica do “fazer notícia”. Estima-se que em todo o mundo cerca de 1,6 bilhões de pessoas¹¹ possuam um *smartphone*, aparelhos multifuncionais com acesso à internet e câmeras fotográficas acopladas. Neste contexto, qualquer pessoa pode sacar um dispositivo móvel do bolso e registrar cenas que podem se configurar como a única prova de um simples acidente de trânsito, mas também, tragédias monumentais como o ataque da escola de Realengo, no Rio de Janeiro, em 2011. Na ocasião, uma testemunha que passava pela rua, ao ouvir gritos e tiros, ligou a câmera de seu celular e capturou momentos de verdadeiro terror. As imagens foram posteriormente postadas no *youtube* e ajudaram a polícia na reconstituição do crime, além de servir como material em dezenas de reportagens. Este é um exemplo de contribuição de um cidadão amador ao jornalismo. Entretanto, este não é um fenômeno recente, muito pelo contrário, e vem sendo exaustivamente incentivado pelos veículos midiáticos.

Tal como afirma Targino (2009), esta realidade mostra uma reconfiguração do fluxo da informação, que tradicionalmente sempre foi do um para todos e que hoje mostra uma nova faceta, o todos para todos.

11 Dados apresentados em reportagem do jornal matutino Hora 1, da rede Globo, exibido em 9 jan.2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/01/numero-de-usuarios-de-smartphones-cresce-25-em-um-ano-no-mundo.html>.

A produção e a disseminação de matérias por indivíduos comuns legitimam o jornalismo cidadão, o qual se fundamenta no princípio da citada publicação aberta. Sua função máxima é acelerar o momento de democratização gerado pela expansão da Rede, de modo a vivenciarmos, com o jornalismo de fonte aberta, a mais importante mudança dos media (TARGINO, 2009).

Mas, se por um lado o jornalismo cidadão se apresenta como uma excelente ferramenta na cobertura jornalística, posto que não seja possível ao fotojornalista estar em todos os lugares simultaneamente, isto levanta uma preocupação acerca de uma possível precarização das condições de trabalho dos profissionais da fotografia de notícia. Em 2013, o jornal Chicago Sun-Times demitiu toda a sua equipe de fotojornalistas, que contava, inclusive, com o ganhador do prêmio Pulitzer, John White, e delegou esta função aos *freelancers* e repórteres treinados para usar seus *smartphones*. A atitude do jornal foi severamente criticada e considerada um duro golpe no fotojornalismo. Isto mostra uma predileção pelo amador e “[...] o que é profissional paulatinamente perde seu espaço em detrimento ao que é gratuito” (BOAVENTURA e SILVA, 2013).

Em contrapartida, alguns autores não são tão pessimistas quanto à atual conjuntura em que o fotojornalismo se vê inserido. Persichetti (2006) analisa que o jornalismo cidadão não se configura como uma ameaça ao fotojornalismo profissional, mas deixa claro que a quantidade de material que chegará às redações através das mãos dos amadores será sempre maior, pois, tal como mencionado anteriormente, o fotojornalista não é um ser onipresente.

Claro que a questão do profissionalismo, da técnica do fotojornalista, continua pertencendo ao profissional preparado para isso. Mas a notícia quente, o fato, pode muito bem ser transmitido por um amador. Quem se insurge contra isso ou está de má fé ou é incompetente (PERSICHETTI, 2006).

Souza e Boni (2007) discutem que há diversos debates e opiniões quanto à inserção de amadores no fotojornalismo e destacam, entre elas, o temor da diminuição do número de fotojornalistas profissionais nos jornais e questões relacionadas à manipulação, qualidade e veracidade das fotografias produzidas. Entretanto, os autores são da mesma opinião de Persichetti (2006), que salienta que um fotojornalista qualificado, responsável, criativo e praticante dos princípios éticos que regem a profissão sempre terá espaço garantido no mercado, pois um amador não é capaz de lhe fazer concorrência.

A cobertura fotográfica da Mídia NINJA sobre os protestos de junho de 2013 trouxe o fotojornalismo à discussão e evidenciou que este talvez não seja um prenúncio da extinção do profissional, mas o anúncio de uma nova fase que se aproxima e que exige fotojornalistas dispostos a trabalhar dentro desta nova dinâmica. Tal como pontua Morales, Souza e Rocha (2013), a Mídia NINJA mostrou o poder do fotojornalismo em causar comoção e reflexão através das imagens postadas.

[...] o “Mídia Ninja” deu sua parcela de contribuição e muito destaque ao fotojornalismo. As fotos ajudaram a contar a história do que estava acontecendo no país. O texto, muitas vezes, complementava a fotografia, invertendo uma tendência histórica do papel da foto. As imagens disponibilizadas na página tinham valor e foram amplamente compartilhadas (MORALES, SOUZA e ROCHA, 2013).

A produção da Mídia NINJA, desta forma, aponta uma possibilidade à reformulação do fotojornalismo, que agrega a experiência do profissional fotojornalista à participação dos cidadãos que, através do oportunismo e iniciativa de registrar o flagrante, ajudam na construção do conteúdo jornalístico.

Além dos aspectos já citados, é bastante interessante observar que o uso dos dispositivos móveis permitiu um novo tipo de cobertura jornalística de manifestações populares. O lendário Robert Capa

já afirmava décadas atrás que “se a sua foto não ficou boa é porque você não chegou perto o suficiente”. Esta é a máxima que pontuou a cobertura dos protestos de 2013 pela Mídia NINJA. Este também se configura como o seu diferencial, principalmente quando comparado à cobertura das emissoras tradicionais: enquanto os articuladores da Mídia NINJA estavam em meio à multidão, transmitindo imagens diretamente do centro do furacão, repórteres dos grandes conglomerados da comunicação optaram pelo uso de helicópteros e por realizarem seus links ao vivo a partir da cobertura de edifícios próximos à passagem dos protestos.

Mídias alternativas também serviram para levar o público a lugares que a mídia tradicional não alcançou, por não estar disposta a enfrentar as multidões ou por ser impedida por estas. Com as emissões live streaming via smartphones, o público pode conferir muito proximamente as passeatas, manobras táticas da polícia, os efeitos do gás lacrimogêneo e sprays de pimenta lançados contra os manifestantes, além das ações dos grupos de pessoas que atacaram e destruíram prédios, carros, lojas e bancos (ALMEIDA e EVANGELISTA, 2013).

A forma como a Mídia NINJA fotografou os protestos de junho de 2013 só foi possível devido ao fato de que os “repórteres ninjas” estavam inseridos na multidão e, naquele momento, eram parte integrante da massa. Deste modo, puderam circular livremente em meio a ela, ao contrário dos jornalistas das grandes empresas de comunicação, que foram hostilizados e passaram a ser alvo direto dos manifestantes. O fato de os integrantes da Mídia NINJA não portarem equipamentos que os identificassem com alguma emissora jornalística - como câmeras cinematográficas, microfones, uniformes - mas somente *smartphones*, celulares e demais dispositivos móveis, pode ser um dos motivos que os poupou da ira da multidão que protestava.



Figura 2 - Manifestante pula sobre pneus em chamas durante protesto na capital paulista. Fonte: perfil da Mídia NINJA.

A visão aproximada dos fatos em plena ebulição somente foi possível pelo tipo de equipamento privilegiado pelos “repórteres ninjas”. Esta não é somente uma tendência que pauta as mídias alternativas, mas também modifica a cada dia as rotinas jornalísticas dos veículos de comunicação. Tal como aponta Rodrigues (2014) diversos autores alertam que é irreversível o processo de produção jornalística que extrapola o “chão da fábrica” e vai além da linha de produção das redações. Nesta mesma concepção caminham Barbosa et al. (2013), que acrescentam que os dispositivos móveis abrem novos horizontes de abordagens e fazem surgir um novo tipo de jornalismo que impõe uma formação diferenciada aos futuros jornalistas.

Os coletivos de mídia alternativa, além de agregarem os aspectos inerentes ao jornalismo cidadão, também exalam a essência dos pilares que sustentam o fenômeno da Convergência. Bittencourt (2014) avalia que mídias alternativas, como a Mídia NINJA, provocam uma reflexão acerca de um arquétipo de comunicação que passa da unilateralidade para a multilateralidade, da verticalização para a hori-

zontalização, modificando radicalmente a produção, circulação e consumo de conteúdos midiáticos. Ou seja, a Convergência neste contexto vai muito além dos aspectos técnicos que agregam em uma única plataforma vários elementos midiáticos, como no caso dos dispositivos móveis que incluem câmeras e acesso à grande rede, mas vai ao encontro do que afirma Silva Junior (2012).

[...] a convergência na fotografia de imprensa se junta como mais uma incorporação de elementos já aceitos na vida cotidiana, tais como as redes sociais, os novos hábitos de acesso e consumo de conteúdo, as tecnologias móveis, a cultura colaborativa etc (SILVA JUNIOR, 2012).

No que se refere aos aspectos práticos, a utilização de uma câmera acoplada a um dispositivo móvel dá mais liberdade ao fotógrafo para se movimentar em meio aos pontos de tensão onde repousam a notícia. Hortal (2011) destaca a flexibilidade de movimentação que o uso de *iPhones* representa na cobertura de conflitos sociais, principalmente em campos de guerra. A pesquisadora analisou a cobertura fotográfica da guerra no Afeganistão realizada pelo fotógrafo do *The New York Times*, Damon Winter, chamada *A grunt's life*¹². O iPhone foi o instrumento de captura de imagem utilizado por Winter. Um dos principais pontos salientados por Hortal em seu estudo é que diante da câmera de um *smartphone* os soldados se sentiam mais relaxados, permitindo momentos de maior espontaneidade e gestos mais francos, ao contrário dos momentos em que Winter usava sua Canon 5D Mark II.

12 Tradução livre: Uma vida de soldado-raso

Esta reportagem contém momentos únicos e espontâneos dos soldados. Tal como explica o próprio fotógrafo, nada foi manipulado, nem na cena e na fotografia; nada foi adicionado ou eliminado. Para Winter não importa se uma imagem foi conseguida com uma câmera antiga ou com uma moderna que imita a primeira. Tanto neste trabalho como em toda reportagem gráfica, o conteúdo e a estética são os pilares básicos. Os recursos fotográficos são os mesmos para todos os jornalistas e os recursos visuais deixam uma marca perene que o leitor aprende a decodificar [...] (HORTAL, 2011).¹³

Esta sensação de autenticidade expressa por Hortal (2011) é também compartilhada por Ferreira (2012). O autor explica que as imagens captadas por dispositivos móveis parecem mais verdadeiras porque foram realizadas por pessoas comuns, que participaram da cena e não por fotógrafos profissionais que já estavam no local esperando a evolução dos fatos.

Os dispositivos móveis têm gerando impactos importantes na forma como as pessoas consomem informação e no modo como se comportam em relação à tecnologia que têm nas mãos. O espaço de intervenção e interação oferecido pela mídia convencional ao seu público sempre foi muito limitado, entretanto os avanços e democratização das tecnologias de comunicação têm imposto uma mudança radical nesta relação. Hoje, o cidadão comum que possui sua câmera digital ou *smartphone* é capaz de assumir um papel de emissor, equalizando um diálogo que antes se centrava no um para todos, e agora evolui para o todos para todos.

13 Texto original: “Este reportaje contiene momentos únicos y espontáneos de los soldados. Tal y como explica el propio fotógrafo, nada se ha manipulado, ni en la escena ni en la toma; nada se ha añadido o eliminado. Para Winter no importa si has conseguido una imagen con una cámara antigua o con una moderna que imite a la primera. Tanto en este trabajo como en todo reportaje gráfico el contenido y la estética son los pilares básicos. Los recursos fotográficos son los mismos para todos los periodistas y los rasgos visuales dejan una impronta perenne en la toma que el lector aprende a decodificar [...]”

CONCLUSÃO

Hoje, após altos e baixos, alguns afirmam que o fotojornalismo enfrenta um novo tempo de crise e especulam o seu fim premente, principalmente pela massificação da fotografia que tem provocado um sentimento de transição entre o que era considerado perpétuo e agora emana uma aura de efemeridade. Entretanto, a fotografia tem mostrado sua força, pois mesmo em uma pequena matéria de jornal ela ainda é fonte de informação. Isso ficou claro através da cobertura fotográfica dos protestos de junho de 2013 realizada pela Mídia NINJA.

Através do seu trabalho, a Mídia NINJA capturou a ação dos manifestantes e as trouxe ao grande público, proporcionando uma visão aproximada daquilo que a grande mídia, representada pelos veículos de comunicação tradicionais, não conseguiu. O sucesso alcançado pela Mídia NINJA se deve, em grande parte, ao *modus operandi* priorizado pelo Coletivo: os dispositivos móveis conectados à internet.

É possível entrever desta pesquisa que há certa preocupação em relação ao aumento da participação de repórteres cidadãos nas produções jornalísticas. Contudo, a produção de materiais realizada por estes indivíduos é importante no que diz respeito à captura do flagrante, do inesperado, que acaba suprimindo a ausência de um fotojornalista profissional no momento exato em que o fato acontece. A imagem que contextualiza, agrega informação, instiga a reflexão e se fixa na memória do leitor são aquelas produzidas por fotojornalistas, pois esta é a natureza do seu ofício. Ou seja, a figura do fotojornalista não pode ser suplantada pelo fotógrafo do jornalismo cidadão.

Estes são novos tempos que exigem que o fotojornalismo se adapte e invente novas formas de atuação. São novos tempos que, apesar das facilidades oferecidas pelos *smartphones*, celulares, *tablets* e internet, não prescindem da coragem do fotojornalista para enfrentar a multidão enfurecida e capturar a melhor imagem. São novos tempos que não excluem o fotojornalista profissional, pelo contrário, o acolhe. Ainda não é claro o futuro a médio e longo prazo reservado ao fotojornalismo, por este motivo, é necessário estar sempre atento a estas mudanças e realizando novas análises que tenham como foco esta temática.

Abstract: This research discusses the contemporary photojournalism. The democratization of photographic cameras and mobile devices with internet access have been changing the reality of the photojournalism, creating new possibilities of intervention. The photographic coverage of Mídia NINJA about June 2013 protests was chosen to analyse this new prospect, mainly because it has characteristics of the new technological context and because its photojournalistic relevance during that period of protests in Brazil.

Keywords: Photograph; Journalism; Mobile devices; Social networks.

BILBIOGRAFIA

ALMEIDA, Thiago D'Angelo Ribeiro; EVANGELISTA, Amanda Falcão. **Tecnologias móveis, mídias independentes e coberturas de mobilizações sociais urbanas:** as influências do "midialivrismo" na sociedade midiaticizada. In: Colóquio Semiótica das Mídias, 2, 2013, Alagoas. Anais eletrônicos... Alagoas: CSM, 2013. Disponível em: <http://ciseco.org.br/anaisdocoloquio/images/csm2/CSM2_ThiagoDangeloAmandaFalcão.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2015.

BARBOSA, Suzana; SILVA, Fernando Firmino da; NOGUEIRA, Leila; ALMEIDA, Yuri. **A atuação jornalística em plataformas móveis.** Estudo sobre produtos autóctones e a mudança no estatuto do jornalista. Brazilian Journalism Research, Brasília, v.9, n.2, p. 10-29, 2013. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/viewFile/549/489>>. Acesso em: 19 mar.2015.

BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **Características de convergência na atuação do Mídia Ninja.** Comunicação e Inovação. São Caetano do Sul, v.15, n.28, p. 76-86, jan-jun. 2014a. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2393/1506>. Acesso em: 19 out. 2014.

BOAVENTURA, Salomão da Silva; SILVA, Luciana Leme Souza e. **Fotojornalismo 2.0: o impacto das novas tecnologias e perspectivas de um futuro incerto.** In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 26, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos...** Manaus: INTERCOM, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1466-1.pdf>. Acesso em: 21 abr.2015.

CASADEI, Eliza Bachega. **Experiências fotojornalísticas em um cenário de convergência midiática:** os novos espaços de autoria. Jornalismo e Convergência. BRONOSKY, Marcelo Engel; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs.). São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2014, 281 p. Disponível em: <http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/ebook-jornalismo-conv%20%282%29.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2015.

FERREIRA, Jorge Carlos Felz. **iPhone-photography e a cobertura de guerra:** novos paradigmas para o fotojornalismo moderno. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10, 2012, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: SBPJor, 2012. Disponível em: <<http://soac.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view/2149/219>>. Acesso em: 19 out. 2014.

HORTAL, Pilar Irala. **Fotoperiodismo con teléfono móvil**. In: Congresso de Periodismo Digital, 12, p. 385-97, 2011, Huesca: España. Disponível em: < http://www.researchgate.net/publication/235966620_FOTOPERIODISMO_CON_TELFONO_MVIL>. Acesso em: 19 out.2014

MÍDIA NINJA. **Portal online do coletivo Mídia NINJA**. Disponível em: <https://ninja.oximity.com/>. Acesso em: 19 abr.2015

MORALES, Ofelia Eliza Torres; SOUZA, Carlos Alberto de; ROCHA, Paula Melani. **Mídias Digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos: estudo de caso "Mídia Ninja"**. Revista Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura. Paraná, v.6, pp.1-15, 2013. Disponível em: < <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/acaomidiatica/article/view/33737/21938>>. Acesso em: 19 out.2014.

MUNHOZ, Paulo Cesar Vialle. **Fotojornalismo, internet e participação: o uso de fotografias em weblogs e veículos de pauta aberta**. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

OLIVEIRA, Erivam Morais de; VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo: Cengage Learning, 2009. 185 p.

PERSICHETTI, Simonetta. **A encruzilhada do fotojornalismo**. Discursos Fotográficos. Londrina, v.2, n.2, p. 179-190, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1484/1230>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

QUEIROGA, Eduardo. **Coletivo fotográfico: autoria e fotojornalismo em tempos de articulação em rede**. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, 12, 2010, Campina Grande. **Anais eletrônicos...** Campina Grande: INTERCOM, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1136-1.pdf>>. Acesso em: 20 abr.2015.

RODRIGUES, Claudia Miranda. **O midiativismo como comunicação alternativa: novos critérios de noticiabilidade e democratização da informação**. In: Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 11, 2014, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: POSCOM, 2014. Disponível em: < <http://pucposcom-rj.com.br/wp-content/uploads/2014/11/07-Claudia-Rodrigues-PUC-RJ-O-midiativismo-como-comunica%C3%A7%C3%A3o-alternativa.pdf> >. Acesso em: 30 mar.2015.

SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Cinco hipóteses sobre o fotojornalismo em cenários de convergência**. Discursos Fotográficos. Londrina, v.8, n.12, p. 31-52, 2012. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/download/11925/10489> >. Acesso em: 19 out. 2014.

SILVA JUNIOR, José Afonso da; QUEIROGA, Eduardo. **Fotojornalismo colaborativo em tempo de convergência**. Brazilian Journalism Research, Brasília, v.6, n.2, p. 103-19, 2010. Disponível em: < <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/27/28>>. Acesso em: 19 out.2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Porto, Portugal: 1998. Disponível em < <http://2yggwi3714jt19aodrvi700nhq.wpengine.netdna-cdn.com/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DO-FOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

SOUZA, Fábio Dias de; BONI, Paulo César. **Fotojornalismo cidadão: a fotografia a serviço da cidadania**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30, 2007, Santos. Anais eletrônicos... Santos: INTERCOM, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0816-1.pdf>. Acesso em: 15 abr.2015.

TARGINO, Maria das Graças. **Jornalismo Cidadão: informa ou deforma?** Brasília, 2009. Disponível em <http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/792/1/Jornalismo%20cidad%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 08 jul.2016.